

AS ESTAÇÕES DO EU: INFÂNCIA, VELHICE E MEMÓRIA NA POESIA DE JÁDER DE CARVALHO

Sarah Diva da Silva Ipiranga¹
Sávio Alencar de Lima Lopes²

*O que é a velhice?
planta que cresce em duas direções:
a aurora da infância
a noite da morte.*

Adonis

RESUMO

Boa parte da produção do escritor cearense Jáder de Carvalho está atravessada por um sentimento memorialista, que, apesar de ser um dos pontos fundamentais de sua escrita, é o eixo temático menos explorado pela crítica. Este trabalho revisita a produção poética de Jáder de Carvalho para explorar as instâncias que nela figuram como força motriz e indicam a maturidade do poeta no manejo da palavra: a infância e a velhice, ambas impulsionadas pelas engrenagens da memória. Situando a poesia jaderiana em estágios da idade humana que apresentam formas de organização e complexidade específicas, submetemos à análise unidades de sentido que se imbricam a esses imaginários: na infância, o sertão, a paisagem, a viagem; na velhice, a solidão, o silêncio, a saudade. Não poesia do escritor; o velho reencontra o menino que foi um dia, num diálogo permeado ora de alento e felicidade, ora de melancolia e ressentimento. Iluminando o texto poético a partir de outros inventários do saber, os investimentos teóricos de Alfredo Bosi, Clara Rocha, Paula Morão e Marcello Mathias Duarte, no que nos oferecem de reflexão sobre os textos autobiográficos, conjugam-se ao estudo da poesia de Jáder de Carvalho, na qual se inscreve e se escreve um homem rasurado pelo passado.

Palavras-chave: infância, velhice, autobiografia.

ABSTRACT

Much of the poetry of Jáder de Carvalho is permeated by a memoirist feeling, one of the key points of his writing less explored by critics. This paper revisits the poetic production of Jáder de Carvalho to explore what in it figure as a driving force and indicate the poet's maturity in handling the word: childhood and old age, moved by the gears from memory. Carvalho's poetic text presents the stages of human age with their specific forms of organization and complexity. Thus, we analyze the meaning units related to these imaginary: in childhood, backlands, landscape, travel; in old age, loneliness, silence, absense. Often, the old man finds the boy he once was, in a dialogue permeated of encouragement and happiness or melancholy and resentment. Lighting the poetic text from other inventories of knowledge, the theoretical investments of Alfredo Bosi, Clara Rocha, Paula Morão and Marcello Mathias Duarte, in offering us reflection about the autobiographical texts, are combined to study the Jáder's poetry.

Key-words: childhood, old age, autobiography.

O exercício rememorativo coloca-se como ação primordial na poética do escritor cearense Jáder de Carvalho (1901-1985). Artífice de uma escrita que percorre 50 anos de publicações diversas (de 1931 a 1981), Carvalho, a partir do recurso à reconstituição memorialista, traz-nos uma visão múltipla e ao mesmo tempo recortada dos 'pedaços' de mundo em que pisou com sua palavra. Por meio do olhar nostálgico que atravessa suas lembranças, somos apresentados aos temas mais caros ao poeta e que são o centro do seu corpo escrito: o sertão, a infância, os amores amantes, a saudade do campo, a velhice. No entanto, a despeito dessa incidência dramática de esforço memorialista, Jáder de Carvalho não tem um volume específico de memória³. Suas

¹ Bolsista CAPES – Processo 18119-12-3. Este artigo faz parte de Pesquisa Pós-Doutoral desenvolvida no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, sob supervisão da Profa. Drª Paula Morão.

² Estudante de graduação do curso de Letras - Português Bacharelado - da Universidade Estadual do Ceará. Monitor de Literatura Comparada.

³ Em depoimento ao historiador Nirez, Jáder diz que está escrevendo suas memórias. No entanto até hoje não há registro desse livro ou mesmo uma indicação no seu espólio: "Acabei de escrever, esta semana, as minhas *Micro-Memórias*, que vão desde o meu nascimento, na serra do Estêvão, até o governo de Parsifal Barroso (1954)" (Leal, 2000, p. 86).

lembranças estão espalhadas pelos livros que publicou e que revelam, mesmo em sua dispersão, uma obra poética com forte fundo autobiográfico: “Não vou perder esta manhã nublada,/ que torna a rua triste e sonolenta:/ quero ler nas fachadas recolhidas/ todo um passado que jamais se esquece” (CARVALHO, 1973, p. 14).

A filiação ao gênero memorialista implica um jogo de força com alguns elementos que delimitam os relatos autobiográficos ou textos intimistas. Neles deve-se perceber um eu que é “mola impulsionadora e objecto da ‘quête’, sujeito e objecto da enunciação” (Rocha, 1992, p. 45). Ocupando esse lugar dúbio, o ser que fala e o ser de que se fala, o enunciador confessional caracteriza-se como um “eu atento a si mesmo” e à “consciência de si e o aprofundar dela” (Morão, 2011, p. 50). Essa postura mergulha-o numa volta constante ao passado, carregada não só de uma busca pela verdade, mas também do encontro consigo mesmo:

A escrita íntima é uma recriação individual do mundo: por ela, o sujeito situa-se no universo, ordena sua vida na escrita, como quem arruma a casa, e sacraliza seu universo. Mas ‘arrumar a casa’, pôr em ordem o manancial das recordações e das reflexões, nem sempre é fácil (ROCHA, 1992, p. 53-54).

Comumente mais relacionado à prosa, tanto pelos textos que formam sua tradição (confissões, autorretrato, diários) quanto pelo nome que o designa – relato autobiográfico –, o memorialismo, em sua vertente poética, é um campo fértil e com configurações especiais que o distinguem. Se na prosa, a procura de uma unidade configura um discurso que pressupõe um encadeamento narrativo, como podemos ver, por exemplo, em *Infância e Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, na prática poética a fragmentação talvez seja o dado mais perceptível. Encontramos, portanto, um sujeito à volta de si num registro que, por meio da intervenção da memória, torna a percepção ainda mais complexa e aguda em relação à temporalidade. Para este aspecto bem apontou Bosi:

A poesia, corrente de ‘alumbramentos’, para lembrar a confissão de Manuel Bandeira, desloca-se de um fundo sem fundo da memória ou do inconsciente. O poema aparece em nossa cultura atulhada de empecilhos como um ato de presença puro, forte, arroubado, premente. Na poesia cumpre-se o *presente* sem margens do tempo, tal como o sentia Santo Agostinho: presente do passado, presente do futuro e presente do presente. A poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos do Tempo, que ela invoca, evoca, provoca (BOSI, 2010, p. 141).

A memória se colocaria, assim, como condição fundante do trabalho poético. Em outras palavras, escrever é esquecer, lembrar é retirar do repouso as lembranças sedimentadas no chão da memória, a ‘memória da linguagem’, nas palavras de Bosi (2010). Lembramos porque, em algum momento, esquecemos, e aí a linguagem – nesse caso, a linguagem poética – atua como este lugar-receptáculo da realidade, da vivência, da experiência. No intervalo entre esquecimento e lembrança, a poesia vive.

O caso de Jäder faz par com outras produções nacionais que se destacam como memorialismo poético, notadamente Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado. Nos dois escritores, são fartas as reminiscências e o exercício poético sobre elas. Da mesma forma, o autor cearense espalha por sua volumosa produção uma escrita íntima, atravessada tanto pelo mundo consolidado quanto pelo seu olhar que tenta encontrar um lugar para si em meio ao mapa da vida.

Excetuando *Terra de ninguém* (1931), seu primeiro livro, cuja ossatura poética está completamente voltada para questões da nacionalidade, e a primeira edição de *Terra bárbara*⁴, todas as outras obras de poesia (*Água da fonte*, *Menino só*, *Poemas inesperados*, *Temas eternos*, *Delírio da solidão*, *Rua da minha vida*, *Alma em trovas*, *Cantos da morte*) investem no eixo memorialista, que oscila entre a *infância* e a *velhice*, imaginários decisivos na constituição de seu projeto autobiográfico (“Às vezes fico tanto no passado/ que, vendo o luar na noite, vejo o leite/ correr do peito de uma escrava negra...”) (CARVALHO, 1973, p. 16).

O ser adulto não parece ser motivacional para o poeta, aparecendo pouco nas reminiscências. A cidade na qual habita também não move sua pena: “Cansei de tudo na cidade amarga./ Os apitos de fábrica ensurdecem./ Os demônios de rodas, pelas ruas,/ gastam-me os nervos que meu pai me deu” (CARVALHO, 1973: 12). No espaço de tempo que corresponde a essa fase poeticamente ‘negligenciada’, por volta de 1930 a 1960, JC⁵ esteve envolvido na militância política. Por conseguinte, as publicações, situadas no terreno da prosa, com narrativas centradas na terceira pessoa, evidenciam sobretudo seu compromisso com as questões sociais da época: *Sua majestade*, *o Juiz*, *Classe média*, *Eu quero o sol*, *Aldeota*, *A criança vive*.

Na poesia confessional que engendra a seguir, precisamente 30 anos depois do primeiro livro de poesia, era de se esperar que nos poemas o diálogo com o tempo histórico fosse uma linha constante, já que uma das características do memorialismo é justamente essa função testemunhal⁶. No entanto, isso não acontece e há poucas referências que possam oferecer possibilidades de leitura da época em que

⁴ Neste trabalho, usaremos alguns poemas da segunda edição deste livro (1982), cujo subtítulo indica que nela há acréscimos de várias poesias inéditas.

⁵ A partir de agora faremos uso dessa abreviatura (JC) para indicar o nome do escritor.

⁶ Paula Morão faz uma reflexão sobre esse aspecto que se faz por bem mencionar. Para a pesquisadora, o peso do mundo contrabalançaria a insurgência narcísica dos textos confessionais e funcionaria como “complemento e par dialético, desmontando o que haja de extremo no individualismo” (Morão, 2001, p. 44).

viveu. A cena é dominada pelo eu e suas impressões, quase sempre interiores e introspectivas, revelando um sujeito poético mais voltado para si do que para as relações com o exterior. Desfeito do mundo real e das suas pressões, tem a liberdade de viajar pelos campos sertanejos, pela serra azul, pelas dores e alegrias centradas em dois microcosmos essenciais nos processos identitários que percorrem sua poesia: um, pessoal - a infância, outro, geográfico - a *Serra do Estêvão*. Quando alocados nestes dois cenários, a maioria dos poemas acontece em chão aberto, sendo a natureza a primeira casa do ser.

[...]
Vim rever, na saudade,
a minha infância,
dias da minha juventude,
as árvores que plantei no quintal...
(CARVALHO, 1982, p. 27)

Infância e sertão imbricam-se, criando estados poéticos intensos e mediados em parte pela sensação de pertencimento: “Dizem que falo só. Pura invenção./ Eu converso, nas horas de saudade./ com fantasmas que não me deixam nunca:/ os amigos de infância e o meu carneiro” (CARVALHO, 1973: 16). A importância da paisagem na obra de JC foi bem percebida por Angela Barros Leal na pesquisa biográfica que empreendeu em torno do poeta. Segundo a pesquisadora, as viagens que Jáder fez na infância (em 1912 parte de Quixadá para Fortaleza numa inesquecível viagem de trem), além da vivência em si da serra onde nasceu, são decisivas para composição dos quadros mentais que estarão presentes na sua poesia. Para Leal, é preciso ver em tal percurso o “menino recolhendo material para lembranças, forjando, sob o calor intenso, a essência de sua poesia, alimentada no que viu e no que vê” (LEAL, 2000, p. 14). Essa experimentação inicial do espaço, que toma forma em uma organização perceptiva do olhar, está investida de uma construção simbólica, súplica do pensamento do francês Michel Collot, para quem a paisagem “apresenta-se como uma *unidade de sentido*, ‘fala’ àquele que a olha” (COLLOT, 2012, p. 17).

Gosto das montanhas, das serranias,
Que eu vejo de longe, liricamente azuis.
Também gosto de rio grande ou pequeno,
Principalmente do Sitiá, o rio da minha infância.
(CARVALHO, 1982, p. 127).

Assim, em meio à paisagem, o menino e sua infância. Para compreender essa conjugação, é importante concebê-la como um fenômeno carregado de complexidade, que tem a ver com o próprio ato de rememorar, cuja ação apõe novos valores a acontecimentos passados, posto que a mudança de temporalidade (passado-presente) altera o campo de visão

do poeta. O diarista e ensaísta português Marcello Duarte Mathias nos chama a atenção para a peculiaridade desse aspecto: “(...) não deixa de ser significativo que duas evocações por parte de um mesmo autor, redigidas em épocas distintas, raramente configurem uma história ou uma infância idênticas” (MATHIAS, 1997, p. 43). A partir desse ponto de vista, podemos entender por que em alguns poemas de JC a infância é um poço de felicidade; em outros, um buraco escuro e escorregadio.

Homens, trazei-me penhascos
Que me recordem a infância.
[...]
Peço a casinha onde nasci,
O sino que chorava e cantava no antigo catavento.
(CARVALHO, 1982, p. 127)

Não tive mãe quando me foi preciso.
Não me deram ternura entre os parentes.
Cresci na solidão que não me deixa.
(CARVALHO, 1977, p. 15)

Além do olhar para si, das instâncias de um eu que se consubstancia mediante os acontecimentos do passado, também se percebe uma movimentação visual e afetiva mais ampla: uma infância geral, sertaneja, captada e visualizada pelo olhar de criança do poeta, entra em cena e compõe um cenário ainda mais diversificado e cheio de possibilidades. Duas identidades se sobrepõem e precisam conviver: a criança em si e o grupo a que pertence. Nesse sentido é importante perceber que o: “eu é afetado pelo outro de muitas maneiras, e uma delas é sem dúvida a influência que nele exercem os modelos de identidade que a tradição cultural oferece” (ROCHA, 1992, p. 50).

Assim, nos poemas, Jáder reaviva o *menino do sertão*, enquanto entidade mais genérica, vinculada a um coletivo, cuja imagem já está medianamente pronta em sua recepção. Essa identidade, em parte, é gerada pela convivência autônoma e livre com a natureza. Nesse momento, o filho não é do homem, o que ameniza a ausência de relações parentais sólidas, mas da paisagem e por isso convive num nível telúrico e lírico com a natureza e os animais, que passam por um processo de personificação intenso. A vida, que vale a pena ser vivida, encontra-se no rio, nas ovelhas, nas plantas, nas aves.

Já no mundo habitado pelos homens a infância não tem a mesma valia: “O menino-da-fazenda,/ tão pequeno e já marcado pelas virtudes e vícios do homem” (CARVALHO, 1982, p. 78). A infância aparece desolada, solitária, exposta a essa mesma natureza, que agora funciona como madrastra, uma vez que, na ausência da família, é ela que educa os meninos precocemente para o trabalho e para a dor. A paisagem, de fundo idílico, transforma-se no instrumento de amadure-

cimento das crianças, que precisam trabalhar cedo e entram para o mundo adulto sem nenhuma mediação ou formas de aprendizagem e conforto que as preparem para isso.

Menino-de-fazenda

1

Lavou o cavalo? Lavou.

Deu de beber aos bichos? Deu.

E fez mais: foi ao roçado e quebrou milho.

Recolheu as vacas antes de o sol se pôr.

Aquela alpercata com zoadá de alpercata de homem,

Lepo, lepo, lepo, era dele, o menino que não cansa,

O menino que sai da rede ao quebrar-da-barrá.

E usa faca na cintura, como gente grande.

E fuma cigarro de palha, como o pai vaqueiro.

E, às vezes, põe o chapéu de couro

E abóia, abóia como os vaqueiros dos Inhamuns.

Ah, o aboio precoce do vaqueirinho aprendiz

Nos ermos da fazenda,

Como ecoa de grota em grota

Ou se estira nos descampados!

(CARVALHO, 1982, p. 84)

No poema acima, o que dissemos anteriormente acerca dos tipos de identidade está bem explícito na forma como a figura central é apresentada: menino-da-fazenda. A nomeação vira um substantivo composto, pois não há como separar o indivíduo do meio em que vive, tornando-se mais uma categoria do que uma individualidade. Inicialmente, as vozes são externas e de adultos (lavou, deu) e indicam uma inquirição a respeito dos deveres cumpridos. Percebe-se uma infância formada pelas disposições do adulto, nas quais o mundo infantil e suas formas de se gerir não entram em conta.

Sabemos que o termo infante, em sua origem, significa aquele que não fala, por isso a presença do *in* como negativo. Dentro da História da infância e da família, o percurso da criança é cheio de atribulações entre os tempos e sua existência enquanto fase determinada e reconhecida foi um caso a se formar durante séculos. Segundo Philippe Ariès (1981), a indistinção entre adultos e crianças dava a tônica até meados do século XVII, quando uma noção de infância começa a se delinear. No poema tal indistinção insere a medida do estatuto da infância rural brasileira no início do século XX: uma criança marcada para o trabalho, desapossada de sua voz. As ações que a ela são contingentes pertencem à disposição organizativa do trabalho ('quebrou milho', 'lavou o cavalo', 'recolheu as vacas') e os elementos que dão materialidade à sua constituição do mesmo modo são exteriores à infância: faca, cigarro, chapéu de couro. Ocupando um lugar e um papel que não são seus, a identidade dessa criança poderia estar definitivamente apagada, no entanto, pela percepção do poeta, que criança foi e com ela se identifica, o curso da sua vida impõe-se justamente pela voz, que seria a primeira

desposseção. A criança aboia e expande sua voz pelo campo como talvez nenhum adulto assim o fizesse. Ao finalizar o poema com o som da infância, o poeta particulariza o lugar geral de *menino-da-fazenda* e reverte a infância do seu status de categoria sem voz.

Voltada para si ou espelhada numa imagem coletiva, as infâncias jaderianas são marcadas pela experiência da solidão. A criança só, ensimesmada, funde-se à sertaneja, plural, solta na pastagem, elaborando uma cumplicidade compartilhada, interior e exterior, individual e coletiva: "Essa amargura/ que trava, e desagrada, não é minha./ Vem-me da infância de um menino só" (CARVALHO, 1977, p. 15).

Com a ambivalência temporal que caracteriza o estado de rememorar, a sensação do abandono, num processo contíguo, reaparece na *velhice*, novo centro gerador da sua poética: "A vida, ao fim da viagem,/ é feita de ausências" (CARVALHO, 2001, p. 25). Agora o sujeito, que foi (é) criança sem ascendentes, encontra-se um velho perdido de seus descendentes. Morta a esposa, distantes os filhos, afastados os amigos, o sujeito precisa novamente conviver com a dor da solidão, que gera a melancolia. O livro que mais expõe esse estado d'alma é *Delírio da solidão*. Nele o tempo de poesia convida-nos a um passeio sofrido: adentramos lares, suas salas, seus quartos; avistamos móveis e fotografias que pendem da parede; percorremos os perímetros da praça ao entardecer e subimos a rua silenciosa (há sempre um passo na rua alheia). Nesse percurso, o poeta não passa impune diante da corrosão do tempo.

Hoje, esta casa é assim:

uma sala vazia, dois quartos desertos,
a sala-de-jantar sem a voz dos talheres

Enfim: uma casa silenciosa.

[...]

(CARVALHO, 2001, p. 29)

No ruminar das lembranças, Jáder de Carvalho, habitado pelo sentimento de *status quo* da maturidade, tece poemas que encontram ressonância num *ethos* ao mesmo tempo saudosista e confessional. Essa reconstituição memorialística remove a poeira que antes repousava nos escaninhos das reminiscências. Por entre os labirintos do exercício mnemônico, ressurgem a família ao lado dos átimos afetivos (lá estão a sala de jantar e o murmúrio das "vozes dos talheres", os almoços e as conversas dominicais), os mortos e os ausentes.

Instados pela velhice, os poemas, que compõem um ciclo centrado na solidão e nas perdas, formam-se por outro par aglutinador das sensações: a *casa* e a *cidade*. Ao contrário do cenário da infância, a natureza, a nova configuração apresenta-se como lugar da civilização, da nostalgia e da finitude. A cidade agitada, carentes de mãos e vozes humanas, revela a descompressão da vida e a casa, desabitada, expõe

a vulnerabilidade do poeta: “Nossa casa é bem outra. Uma ruína./ meus filhos, sem vocês e a Margarida./ Tudo perdeu a graça. E, na calçada,/ ninguém conversa como nós, agora” (CARVALHO, 2001, p. 32). Da mesma forma, a rua, cinza e nublada, também é espaço da falta e do silêncio: “Rua morta, não despertadas./ Meu passo não ressuscita noites enluaradas:/ meu passo é uma voz já diferente/ e talvez esquecida” (CARVALHO, 2001, p. 42).

O cenário desloca-se das imagens abertas da infância para o campo senil e corroído do passar dos anos. O poeta aqui aponta o ato de lembrar como carregado de dor. Lembrar é também envelhecer, pois, como apontamos numa citação anterior, a recordação pode ser um caminho traumático, afinal “o exercício da rememoração leva, naturalmente, ao aprofundamento do insondável dentro de nós” (MATHIAS, 1997, p. 48).

Minhas rugas doem:
ao longo do tempo,
enterrei mortos que deixaram saudade e pena.
As de outros homens da minha idade,
às vezes,
nasceram de fadigas já esperadas e justas.
Neles, a memória cansou:
a ruga não dói.
(CARVALHO, 2001, p. 144)

O poeta, diante do cansaço das experiências da vida (“Eu sou o navio cansado./ Eu sou a nau perdida”) (Carvalho, 2001, p. 19), rende-se em princípio a um estado d’alma melancólico, que chama a morte para perto de si: “Minha vida já não é a espera de alguém,/ ao cair da tarde,/ na praça sonolenta” (CARVALHO, 2001, p. 24). No entanto, mesmo preso nas contingências da velhice, ele interpõe um dique: a escrita.

Certo dia, a morte me falou, queixosa:
– Pela quinta vez, venho buscar-te.
Mas inutilmente:
Sempre te encontro a escrever poemas.
(CARVALHO, 2001, p. 145)

E assim, de posse dessa recusa, o sujeito que rememora aponta o leme novamente para a infância como forma de se resguardar e de estar vivo. Talvez nela encontre uma explicação para o estado melancólico em que se encontra, uma vez que o que anima o sujeito autobiográfico não deixa de ser uma procura pela verdade, por mais plural que ela seja. A infância, portanto, funciona como uma antevisão e causa da vida futura. O menino atravessa o adulto e retorna no velho. Por isso, com a velhice desfazendo as carnes e fragilizando o espírito, nada melhor que saltar no curral da infância e procurar recuperar o corpo nos movimentos da criança. O poeta sírio Adonis, que ocupa com seus versos a epígrafe deste trabalho, nos dá bem a medida do lugar da infância na

escrita do eu: “Pequena aldeia tua infância/ e apesar disso/ não ultrapassarás suas fronteiras/ por mais que te afaste da viagem” (ADONIS, 2012, p. 17).

No livro *Menino só* (1977), em cuja redação Carvalho esteve envolvido de 1975 a 1976, ou seja, com mais de 70 anos, e que pelo título já nos indica a qualidade do ser que se escreve e a direção para a qual aponta, essa busca ocupa boa parte da obra. O sentimento que atravessa essa obra não é dos mais felizes, pois a memória não seleciona somente o que traz alento ao espírito. A volta, por conta desse recorte, mostra-se frustrante e traumática: a criança que reencontra tem a marca do abandono e da infelicidade que assemelha à da velhice (“Não tive infância: fui menino só./ Menino só no mundo de crianças”) (CARVALHO, 1977, p. 44).

Velho e menino, o autor aponta claramente a fusão das duas idades e dois imaginários na (im)potência da sua vida. O poema que fecha o livro chama-se justamente “A velhice do menino só” (CARVALHO, 1977, p. 169):

Eu não tenho, no mundo, quem me abrace.
[...]
O mal, decerto, não é mal de agora:
vem-me da infância. E não há mentira:
não me curei nos tempos de rapaz,
mesmo nos braços da mulher amada.

Na velhice, a ferida ainda magoa.
Ninguém pergunta pela minha vida,
talvez não crendo nas doenças d’alma.

Se fui bom, se fui mal – ninguém me diz.
Nunca se fala no menino só,
hoje com rugas e cabelos brancos.

No princípio e no fim, as angústias se instalam e se tocam. Como dar sustentação à velhice e aliviar o futuro, com a morte à porta, se a identidade se constrói de forma avessada, por uma linha frágil e com muitas pontas soltas? Resta ao poeta, em seu isolamento, físico e psicológico, registrar e fixar pela linguagem, pela escritura poética, aquilo que vivera um dia e que no presente reclama a sua falta, deixa uma lacuna. Entre presença e ausência, o ato poético se faz.

A falta, portanto, se impulsiona a escrita, também sedimenta o passado, base da escrita de cunho autobiográfico. Assim, se há tempo, há memória; se há memória, há história. Fica-nos a lição: é do passado que se vale a poesia de Jäder de Carvalho, apesar de ser esse o aspecto menos observado na leitura que se faz da sua obra. Engajado, telúrico, amoroso: tantas nomeações já se colaram a sua poética que hoje se faz necessário retirar essa pintura e descobrir, como num esforço de recuperação de telas passadas, a real cor da pintura, que ficou guardada embaixo da passagem do tempo.

Referências Bibliográficas

ADONIS. *Poemas*. Tradução de Michel Sleiman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARVALHO, Jäder de. *Delírio da solidão*. Fortaleza: EDU-FC, 2001.

_____. *Terra bárbara*. Fortaleza: Terra de Sol, 1982.

_____. *Menino só*. Fortaleza: Terra de Sol, 1977.

_____. *Temas eternos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1973.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; MASÉ, Lemos; ALVES, Ida (Orgs.). *Literatura e Paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

LEAL, Angela Barros. *Jáder de Carvalho*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

MATHIAS, Marcello Duarte. "Autobiografias e diários". In: *Colóquio-Letras*, n. 143-144, 1997, p. 41-62.

MORÃO, Paula. *O secreto e o real: ensaios sobre literatura portuguesa*. Lisboa: Campo da Comunicação, 2011.

ROCHA, Clara. *Máscaras de Narciso: estudos sobre a autobiografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1992.